

"A Subtração do Corpo"

Ainda estou para interrogar a psicanálise sobre a maneira como funciona. Como é possível que constitua uma prática que às vezes é eficaz? J. Lacan.

Em contribuição aos "Estudos sobre a Histeria", Freud descreve o procedimento psicoterapêutico que havia desenvolvido e o chama de "técnica da pressão na testa". Ele o abandona posteriormente e dá origem ao método psicanalítico. Na introdução de James Strachey sobre "Trabalhos sobre técnica psicanalítica", ele expressa que, com exceção de dois trabalhos de 1903 e 1904, Freud não divulgou nada sobre a técnica. O que se sabe a respeito é por inferência de sua clínica na época. Um período de silêncio no início.

O Dr. Jones teria informado que era intenção de Freud desde 1908 escrever uma exposição geral da técnica psicanalítica, mas não foi realizada até 1910 em Nuremberg "As perspectivas futuras da terapia psicanalítica". Posteriormente, surgirão outros escritos a respeito.

Já em 1913 em "Sobre o início do tratamento", ele diz "a extraordinária diversidade das constelações psíquicas intervindas" (incluindo a personalidade do analista) se opõe à fixação mecânica de uma regra. E Strachey continua: "só teria valor se seus fundamentos fossem compreendidos e assimilados de forma apropriada... uma vez aprendido esse mecanismo, é possível entender as reações do paciente (e do analista) e formar um

juízo sobre os prováveis efeitos e méritos de qualquer procedimento técnico". Freud nunca deixou de insistir que seu domínio apropriado só poderia ser adquirido pela clínica, dos pacientes e do analista.

Por que esse recorte? Porque isso mostra uma maneira de trabalhar de Viena, onde não apenas construía a técnica psicanalítica, mas também deixava certos avisos na mesa. É por causa das constelações, da pessoa do analista, da clínica, de todas essas condições que tornam a tarefa impossível de definir claramente o que é a psicanálise e como é exercida? Mas além disso, não costumamos repetir até a exaustão que um analista deve estar condicionado à sua época? E a nossa? Quais são as variações da época que impactam em nossa clínica? A época influencia na variabilidade da técnica psicanalítica?

A pandemia fez entrar de cunha uma condição que já acontecia nos consultórios, prescindir do corpo em sua presença física. Há muito tempo que as análises não se sustentam apenas no divã. Muitos se desenvolvem face a face e as análises remotas são moeda corrente. Modalidade que ficou instituída como uma forma mais de apresentação. Esta condição epocal, colocou todos a repensar o artifício.

Será que, como afirmam alguns, a não presencialidade dos corpos, na cena da análise, não altera absolutamente as condições da mesma? Seria apenas uma questão de desdobrá-las em um novo cenário? Nassif em seu texto "Um bom Casamento" afirmou em relação ao cenário; deveria ser um lugar diferente da casa do analisando. Embora no início Freud fosse à casa dos doentes, devido à marca de sua profissão de origem, posteriormente, uma vez desenvolvido o método, eles tinham que se dirigir ao seu consultório. Portanto, as condições mínimas seriam um nome, um lugar, acordar um tempo para que a cena se desenrole e uma suposição sobre o saber dessa pessoa, que por sua vez deveria estar disposta a recebê-lo sempre no mesmo lugar.

Assim dirá Freud: "Entre eles dois não acontece nada além de conversar...". "...O analista faz o paciente vir em determinada hora do dia, o faz falar, o escuta, depois fala ele mesmo e é ouvido".

Na "Direção da Cura", Lacan afirma a respeito da Transferência: "é o que se diz entre dois". "A psicanálise deve ser estudada em uma situação entre dois".

Entre os dois, o possível analisando e o analista. O primeiro se dirige a alguém que supostamente sabe algo da ordem do sofrimento, e o segundo tem que estar disposto a recebê-lo, em presença. Presença do analista, que, enquanto tal, faz parte do conceito de "o" inconsciente, e será aquele que estará disposto a acolher aquele Outro que o analisando desdobrará na transferência. Segundo Edgardo Feinsilberg, em seu texto "Desde a Transferência": "...O analista empresta sua pessoa, aquele que não pode deixar de estar presente, é alguém que está no consultório, que pensa e sente e do qual Freud dizia, ... que tentava que não houvesse correspondência de relações. Com Lacan, não se satisfaz a demanda para dar lugar ao desejo.

"E se pensa e sente, tem um corpo, embora não saibamos muito bem o que isso significa, isso desencadeia efeitos juntamente com sua presença".

Corpo, que pensa e sente.

A definição da RAE nos diz: "O corpo é o que tem extensão limitada e produz impressão em nossos sentidos por qualidades que lhe são próprias".

Se dividirmos a frase, por um lado, o corpo é aquele que ocupa um lugar no espaço. Eco do dualismo cartesiano res extensa, por outro, produz impressão em nossos sentidos, sente, "...não só nos encontramos com a ordem da extensão, mas também a da sensibilidade". O que causa impressão em nossos sentidos. O corpo é sentido, sofrido, desfrutado. Substância gozadora, segundo Lacan, modificando assim a referência cartesiana.

Um corpo que para ser habitado será necessário uma sucessão de eventos para a constituição do humano. Da insuficiência à antecipação, alienado a sua imagem, identificação imaginária, precipitando uma totalidade ortopédica que será necessária ratificar no olhar do Outro. "Este momento do Outro é diferente da imagem especular, pois operará ratificando a imagem de fora, introduzindo assim o registro do Simbólico", diferenciando esse Outro no lugar do garante. Mas ao mesmo tempo, nessa virada, ele poderá ver no olhar desse Outro um brilho, certo prazer que ficará de fora, em sua condição de enigma, por não saber por que goza. Essa condição inimaginável, irrepresentável, será do registro do Real. RSI, registros da experiência, dirá Lacan que estão sendo amarrados, corpo.

O mestre francês definirá, em "A terceira", o ser humano como corpo falante.

Se ficarmos com a definição enciclopédica, um corpo ocupa um lugar no espaço e é sentido. A psicanálise não contradiz isso, apenas toma do corpo outras coordenadas. Isso nos convida a nos perguntar, de que corpo estamos falando e qual é o valor da condição de sua presença em sua materialidade concreta.

Merleau-Ponty em seu texto "O visível e o invisível" sustenta que a filosofia tradicional separou o mundo em dois, o inteligível e o perceptível, sobrepondo o primeiro. O autor propõe outra perspectiva, dando importância à percepção e à experiência sensorial na compreensão do mundo. Já que a mesma não é uma simples captação de dados sensoriais, mas implica uma relação ativa do sujeito com o mundo, na qual significados são construídos e experiências são geradas. Ele propõe uma filosofia da encarnação, na qual o corpo humano é visto como o lugar onde o visível e o invisível se entrecruzam. Lacan considera o texto citado, especialmente em seu seminário "O objeto em Psicanálise", onde discute a noção do invisível em relação ao sujeito e ao mundo. Ele sustenta a ideia de que o sujeito percebe não apenas o que está em seu campo de visão, mas também se relaciona

com o que não está presente, ausente ou perdido. Desta forma, destaca a importância da relação entre o sujeito e o mundo mediada pela presença e pela ausência.

Quando um analisando se deita no divã, uma parte do corpo é retirada para que a voz seja predominante. No entanto, é a mesma coisa se o analisando comparece à sessão em pessoa, em corpo e alma? E o analista?

O que é retirado nas diferentes modalidades de uma análise? O que indica uma subtração? Diz-se da ação e do efeito de subtrair ou se subtrair, separar ou afastar uma parte de um todo, roubar algo ou alguém de um lugar ou local. Realizar a operação matemática de subtração, incluindo a subtração. Também pode ser encontrada na expressão matemática, fazer uma diferença. Fazer a diferença estar lá ou não?

Se lembrarmos da anedota de Susan Hommel, "Geste a peou" são as palavras que tocam seu corpo. Claro, não se trata de um abraço no sentido de contenção física, mas sim desse modo de afetar de Lacan. Como ele dirá em seu Seminário XXIII, "...para que esse dizer ressoe, é preciso que lá" ... "o corpo seja sensível e isso é um fato".

O que acontecerá então com o cheiro, o aperto de mão ao cumprimentar alguém e outras questões que surgem na transferência? Podemos dizer que o corpo se faz presente da mesma maneira nas diferentes modalidades.

Uma análise que começa à distância. As primeiras entrevistas acontecem em casa, com dispositivos tecnológicos como tela, fones de ouvido, etc. Um dia, o possível analisando aparece caminhando pelas ruas de um local na Europa e diz: "Precisava mudar de lugar, tenho que contar algo para você, e não posso dizer isso se estou em casa", e começa a relatar as aventuras de sua adolescência despertando sexualmente. A câmera se desliga.

Era 2011, Juan tinha 5 anos e foi diagnosticado com TGD grave. Uma linguagem mecânica, um organismo vivo. Entre muitas das questões que ele apresentava, suas mãos estavam

separadas de seu corpo, ganhando vida própria, moviam-se aleatoriamente sem coordenação. Anos depois, deixam de ter essa independência.

Durante a pandemia, a análise continua. Jogávamos videogames online, ele estava incluído nas partidas. Retorno ao consultório. Surge uma diferença no movimento de suas mãos, perdem a fluidez, por momentos parecia que ele não podia ver o objeto a capturar, até que conseguia controlar o movimento. Absorto, ele não entendia o que estava acontecendo. Depois de tantos anos de trabalho, algo havia mudado. No entanto, isso desaparece, nos encontramos em cada sessão jogando cartas. O questionamento sobre o que havia acontecido continuou em meus pensamentos, até que revisando as cenas dos tempos virtuais, a única coisa que não se via na tela eram suas mãos, que ficavam fracionadas sobre o teclado.

O espaço analítico não se encontra em um local geograficamente determinado, nem é garantia para um bom desempenho. Mas também não acredito que possamos ignorar e tentar teorizar que ele se subtrai quando a presença do corpo não está lá.

Em cada época, houve uma ideia do corpo, idealizado, superestimado, enaltecido, e em seu oposto pendular, rejeitado, destruído. Ausente?

Nunca antes se pensou na gestação de um ser humano sem a necessidade do encontro de corpos. A erótica dos parlêtres a milhares de km nos mostra que, para alguns, também não é necessário estar lá. Essa não presença física vai influenciando a vida dos sujeitos que habitam o mundo. Nestes dias, a inteligência artificial está favorecendo a ideia de um além, sem a presença do humano para resolver diferentes questões do cotidiano. Será possível um futuro sem analistas?

Entro no GPT e faço uma série de perguntas, notas, pontuações de Freud, Lacan e Harari. Ele responde adequadamente. Isso me surpreende. Então, com certa desesperação,

escrevo um texto e peço que ele o responda como se fosse um psicanalista. Ele responde:

"Não posso fazer isso,

"A ética é inseparável da época em que vivemos, e nossa época é caracterizada pela crise dos valores tradicionais e pelo surgimento de novas formas de subjetividade"